

Repensando a *História do Brasil*: apontamentos sobre John Armitage e sua obra

Rethinking the *History of Brazil*:
Remarks on John Armitage and his
Work

Flávia Florentino Varella¹

Mestranda em História
pela Universidade de São Paulo

Resumo

Esta nota de pesquisa tem o intuito de apresentar novas informações a respeito da recepção da *História do Brasil*, assim como dados que nos auxiliam a melhor compreender a trajetória de vida de seu autor, John Armitage. Paralelamente, argumentamos que Armitage narrou a história da Independência brasileira a partir de um modelo historiográfico que encontrou na sentimentalidade moderna um dos seus recursos expressivos. Assim, o autor inglês utilizou-se de uma caracterização sentimental de elementos da vida privada de Dom Pedro I como um dos fatores explicativos da história do primeiro reinado.

Abstract

This research report introduces new data concerning both the reception of John Armitage *History of Brazil* and the biography of this highly obscure author. The text also focuses on arguing that Armitage narrates the history of Brazilian independence from a historiographic model anchored on modern sentimentality as an expressive resource. Thus, the English author made use of a sentimental characterization of Pedro I's private life as an explanatory element of the first reign's history.

Palavras-chave

modernidade, historiografia, Império do Brasil

Keywords

modernity, historiography, Brazilian Empire

1

Este informe de pesquisa apresenta conclusões parciais do mestrado que realizo no Programa de História Social da Universidade de São Paulo, sob orientação do Prof. Dr. João Paulo Garrido Pimenta, com bolsa CAPES.

2

Apenas a título de ilustração citamos como exemplo: Francisco Solano Constâncio, Alphonse de Beauchamp, João Manuel Pereira da Silva, José Feliciano Fernandes Pinheiro, entre outros.

3

EGAS, Eugênio. Ao leitor. In: ARMITAGE, João. *História do Brasil*: desde o período da chegada da família de Bragança, em 1808, até a abdicação de D. Pedro I, em 1831, compilada à vista dos documentos públicos e outras fontes originais formando uma continuação da *História do Brasil* de Southey. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1981. p.11-5. Tal edição constitui-se como a mais cuidadosa que possuímos em língua portuguesa. Algumas edições excluíram partes consideráveis da obra de Armitage, sendo o exemplo mais crítico a produzida pela Melhoramentos na qual todas as notas de rodapé são simplesmente suprimidas sem nenhum aviso aos leitores. Cf. ARMITAGE, João. *História do Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, 1977.

1. Um autor quase esquecido: John Armitage

Diversos são os historiadores oitocentistas que escreveram sobre a história brasileira ou que dela fizeram parte, que caíram em parcial ou total desconhecimento.² Apesar do recente aumento de trabalhos dedicados ao estudo e análise das obras de história produzidas no século XIX, ainda somos profundos desconhecedores da diversidade das imagens forjadas de nosso passado naquele momento.

A *História do Brasil*, do negociante inglês John Armitage, integra esse grupo, sobre o qual possuímos poucas e lacunares informações. O principal e mais completo estudo feito a respeito da *História do Brasil* foi escrito em 1914, e compõe sua segunda edição em língua portuguesa. Com o intuito de solucionar cabalmente o problema sobre a autoria desta *História*, Eugênio Egas ofereceu "Ao Leitor" informações inéditas até aquele momento.³ Por meio de uma carta enviada ao editor do periódico inglês P. C. (são indicadas apenas suas iniciais) obteve informações que o levaram a assegurar a existência de John Armitage e, por conseguinte, a comprovação autoral da *História do Brasil*. A polêmica que Eugênio Egas tentava solucionar era calcada nas dúvidas em relação à autoria e tradução portuguesa dessa obra. Muitos defendiam a hipótese de que o verdadeiro escritor da *História do Brasil* teria sido Evaristo da Veiga e, depois de abandonada essa especulação, cogitaram que Veiga poderia ter sido seu tradutor. Motivado por essas indagações, Eugênio Egas começou sua busca por John Armitage e obteve grande sucesso, tendo por intermédio das informações de um leitor do jornal P. C. descoberto parte da trajetória do historiador inglês.

Recentemente em nossa pesquisa, obtivemos outros documentos que trazem nova luz acerca do autor, sua obra e recepção desta na Inglaterra e nos Estados Unidos. A documentação encontrada foi:

- *The Monthly Review*, from may to august inclusive. Vol II new and improved series. London: G. Henderson, 2, Old Bailey, Ludgate-Hill, 1836, p.217-25. (Periódico)
- *The Museum of Foreign Literature, Science and Art*. Vol I – New Series. July to september, 1836. Philadelphia. Published by E. Littell, 1836, p.432-34. (Periódico)
- Cyrus Armitage. *Some account of the family of the Armitages: from 1622 to the present time*. London: Reed & Pardon, 1850, 98p. (Livro)
- *The Christian Reformer; or unitarian magazine and review*. New series, vol. XII. From january to december. London: Edward T. Whitfield, 1856, p.317-20. (Periódico)
- John Armitage last Will and testament. The National Archives of the United Kingdom. PROB 11/2238, p.674-76. (Documento manuscrito)

Além das notas de falecimento dos pais de Armitage - Cyrus e Sarah Armitage - que podem ser consultadas no *Christian Reformer* de 1852.

Nos periódicos *Monthly Review* e no *Museum of Foreign Literature, Science and Art* foram publicadas resenhas da obra de Armitage que salientaram tanto a possibilidade dos acontecimentos descritos na *História do Brasil* servirem como lição prática, quanto sua utilidade para o conhecimento mais profundo do governo e território brasileiros por parte dos ingleses. O resenhista do *Monthly Review*, por exemplo, sugere que o

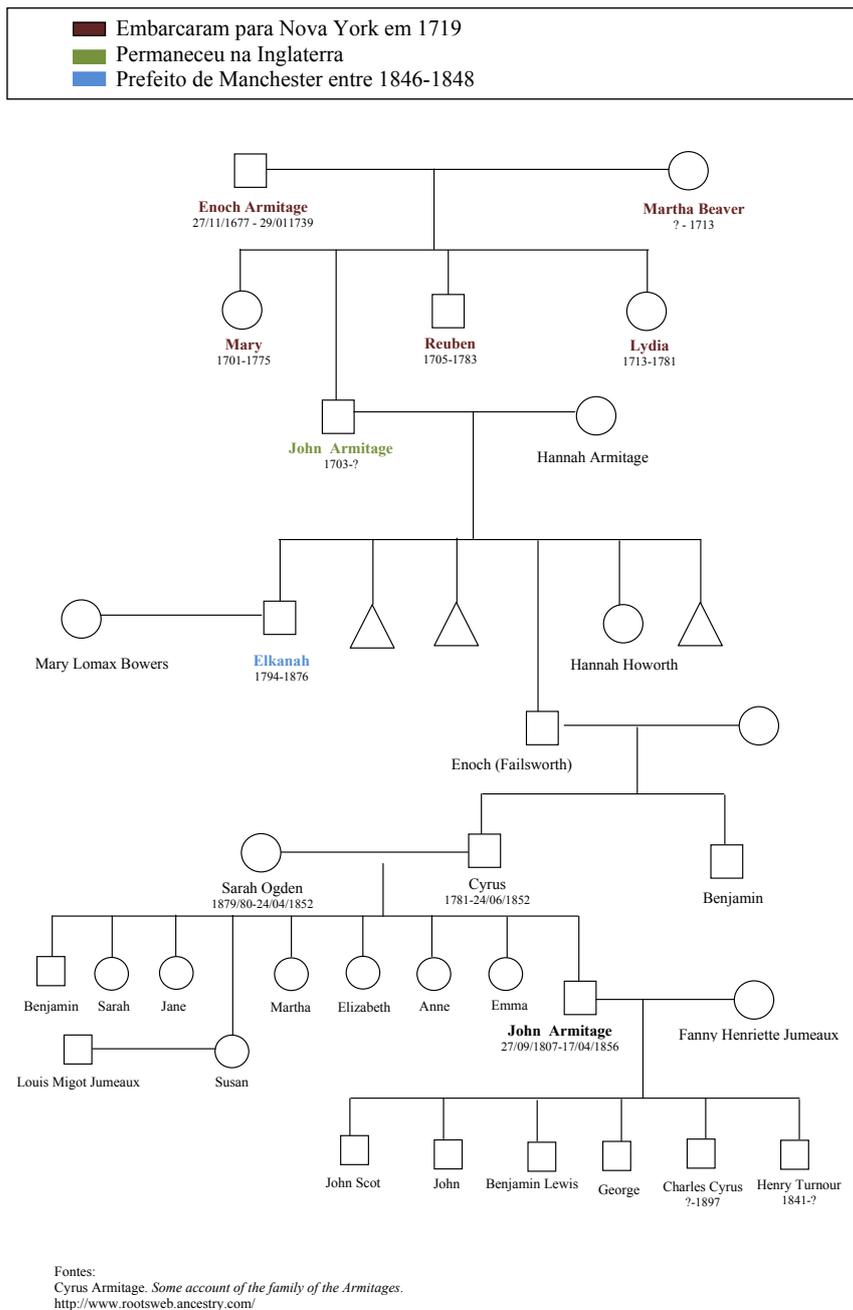
4
The Monthly Review, from may to august inclusive. Vol II new and improved series. London: G. Henderson, 2, Old Bailey, Ludgate-Hill, 1836. p.218.

5
The Monthly Review, from may to august inclusive. Vol II new and improved series. London: G. Henderson, 2, Old Bailey, Ludgate-Hill, 1836. p.219

aspecto mais interessante desta obra teria sido mostrar o progresso gradual do povo brasileiro de uma condição de semi-barbarismo para uma de civilização, comparável à dos ingleses.⁴ Após a leitura da *História*, o resenhista pôde concluir – com o próprio Armitage – que a transferência da família Real portuguesa para o Brasil foi o evento mais importante para a independência brasileira, mais importante que a Revolução Francesa, a independência dos Estados Unidos da América ou das colônias espanholas.⁵

Some account of the family of the Armitages, livro escrito pelo pai de Armitage, Cyrus Armitage, nos permite traçar uma genealogia preliminar de sua família:

Gráfico I



6

O Unitarismo é uma ramificação do Presbiterianismo que se diferencia por acreditar na unidade de Deus e, principalmente, por não acreditar na trindade e na morte de Cristo como um sacrifício ou uma expiação dos pecados da humanidade. Maiores detalhes sobre as crenças unitárias e sua interligação com a Ilustração, Cf. SOARES, Luiz Carlos. Do presbiterianismo ao unitarismo: a trajetória dos dissidentes racionalistas ingleses. In_____. *A Albion Revisitada: ciência, religião, ilustração e comercialização do lazer na Inglaterra do século XVIII*. Rio de Janeiro: 7 Letras, FAPERJ, 2007. p.69-80.

7

The Christian Reformer; or unitarian magazine and review. New series, vol. XII. From January to december. London: Edward T. Whitfield, 1856. p.317.

8

Op.Cit., p.318. No original:
"Within the shores of that far southern land,
Where 'erst the Indian wander'd wild and free,
A mighty city proudly gems the strand,
And of an empire claims the sovereignty.
Oh! lovely is the landscape ye may see,
Where Rio's turrets, cliffs, and convents white,
Stand on the margin of the azure sea!"

9

Ibidem, p.318-9. No original: "The demoralization and insecurity which must exist in every country where the majority of the population consists of slaves, are too obvious to require any comment. There is also another reason which is often overlooked. Not only is slave labour confessedly dearer than free labour, but it has universally the effect of raising the price of free labour, and consequently of productions. Wherever slaves are, a certain degree of ignominy inevitably attaches itself to all manual occupations. Here, every man with a white, or rather a coppercoloured skin, belongs to the privileged orders. Labour is the province of slaves, and he is by birth a gentleman. Though without a vintem in his pocket, he has the soul of a spendthrift; and his ideas are consequently so much above his station, that he is utterly precluded from matrimony. Thousands upon thousands of families who, through the instrumentality of their own exertions, might become useful and honourable members of society, thus condemn themselves to a life of voluntary celibacy and starve on the scanty pittance afforded them by the labour of a few negroes, rather than demean themselves by industry".

Já as informações divulgadas no necrológio realizado pelo editor do *Christian Reformer* são as que podem melhor esclarecer aspectos relativos à composição da *História do Brasil* e da vida de seu autor. Pela grande similitude das observações publicadas no "Ao leitor" e neste necrológio, podemos arriscar que, provavelmente, o informante de Egas foi leitor desse periódico. Contudo, os dados transmitidos são apenas uma pequena parte dos publicados no *Christian Reformer*, de cujos mais importantes faremos um breve resumo.

John Armitage nasceu aos 27 de setembro de 1807 em Failsworth, Lancaster, e logo nos primeiros anos de sua infância seus pais se mudaram para Dukinfield, Chester, onde iniciou sua educação. Membro de uma família presbiteriana e unitária, recebeu lição de alguns membros da Congregação Unitária de Oldham e, por volta dos nove anos de idade, o Reverendo Benjamin Goodier assumiu sua educação vivendo, inclusive, em sua casa em Dukinfield.⁶ Poucos anos depois, teve que interromper sua instrução para ajudar seu pai na fábrica de algodão pertencente à família. O escritor do necrológio afirma que o jovem Armitage tinha uma forte inclinação para a escrita e leitura de obras em prosa e em verso, que sua educação ajudou a aprimorar. Afirma que quando ele deixou de ser um garoto, expressou alguns dos seus sentimentos mais ardentes da meninice em um pequeno e singelo poema.⁷ Pouco antes de completar 21 anos, aceitou o convite para trabalhar na firma mercantil Philips, Wood & Co e foi enviado para a cidade do Rio de Janeiro, onde se estabeleceu sob o gerenciamento de Mr. John Holland, em 1828. No período de sua estadia (1828-1835), compôs um poema inspirado no Rio de Janeiro, que possuímos apenas uma parte:

Nas costas da distante terra do Sul,
Onde antes andavam índios selvagens e livres,
Uma poderosa cidade com orgulho abrilhanta a orla,
E reivindica de um império a soberania,
Oh! Amável é a paisagem que podes ver,
Onde do Rio as torres, montanhas e brancos conventos,
Pairam na margem de um mar azul!⁸

Armitage também escreveu, em sua permanência no Brasil, uma nota dissertativa sobre a escravidão:

A desmoralização e insegurança que deve existir em todo país onde a maioria da população é escrava é tão óbvia que não requer comentário. Há, contudo, outra razão que é freqüentemente ignorada. Não é só o trabalho escravo mais caro que o trabalho livre, mas, em todos os lugares tem o poder de aumentar o preço do trabalho livre e, conseqüentemente, da produção. Onde quer que haja escravos, um certo grau de ignomínia associa-se a todo tipo de ocupação manual. Aqui, qualquer homem com pele branca ou, melhor, uma pele mais acobreada, pertence às classes privilegiadas. O trabalho é o domínio dos escravos, e ele [o homem branco] é cavalheiro por nascimento. Embora sem um vintem no bolso, ele tem a alma de um gastador, e suas idéias estão conseqüentemente tão acima de seu estado, que fica por completo impedido de contrair matrimônio. Milhares e milhares de famílias, que por meio de seu próprio esforço poderiam se tornar úteis e honradas partícipes da sociedade, condenam-se então a uma vida voluntária de celibato e fome na escassa pensão oriunda do trabalho de uns poucos negros, ao invés de se entregarem à indústria.⁹

10

Agradeço a preciosa informação sobre a atuação de John Armitage nesta Sociedade à Lucia Paschoal Guimarães professora titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

11

RODRIGUES, José Honório (Org.). *Registro de Estrangeiros - 1831-1839*. Rio de Janeiro: Ministério da Justiça e Negócios Interiores; Arquivo Nacional, 1962. p.16.

12

John Armitage last Will and testament. The National Archives of the United Kingdom. PROB 11/2238, p.674.

13

The Christian Reformer; or unitarian magazine and review. New series, vol. XII. From January to December. London: Edward T. Whitfield, 1856. p.319.

14

Ibidem, p.320. No original: " Since my arrival in this colony, there has been a wonderful progress in the prosperity of the native trading community. Not only are they more opulent than formerly, but their numbers have increased tenfold. And what, I would ask, is the secret of your success? Simply this, that instead of relying on others and putting your trust in princes, you have trusted to yourselves, to your own economy, your integrity and your industry, and the result shows that your trust has not been misplaced. •• I fully believe that the prosperity of the industrious classes here is but in its commencement. If to this commencement I have been able to contribute a little, however feebly, it will be a pleasing source of retrospection during the whole of my future life".

De sua amizade com Evaristo da Veiga, importante publicista e figura influente na luta política que levou à abdicação de Dom Pedro I, surgiu a oportunidade de participar da diretoria da Sociedade Defensora da Liberdade e da Independência Nacional (1831-1832).¹⁰ Apenas na parte final de sua estadia de sete anos no Rio de Janeiro é que escreveu a *História do Brasil*. Retornando à Inglaterra no dia 6 de julho de 1835¹¹ – aos 28 anos – publicou sua história em dois volumes no ano seguinte, e já em 1837 contava com uma excelente tradução para a língua portuguesa. Armitage permaneceu pouco tempo na Inglaterra, embarcando, em 1836, por outra companhia mercantil para a ilha do Ceilão (atual Sri Lanka); tendo obtido sucesso em suas empreitadas comerciais, abriu sua própria firma mercantil, chamada Armitage Brothers.¹² Em 6 de setembro de 1838 se casou com Fanny Henriette, filha única de John Jumeaux, com a qual teve seis filhos. O redator do *Christian Reformer* considera que os princípios liberais de governo, a educação e religião recebidas dentro do presbiterianismo inglês e do unitarismo guiaram suas bem sucedidas atitudes políticas.

Após dezenove anos no Ceilão, Armitage voltou para a Inglaterra em 30 de agosto de 1855 com o estado de saúde bem comprometido. Durante o tempo em que viveu na ilha, serviu por longos anos ao governo belga como seu representante consular, foi um dos diretores do Banco regional e membro do conselho legislativo por oito anos.¹³ São mencionados no necrológio como objetos públicos aos quais teria devotado grande atenção: a melhoria da educação, a multiplicação de estradas e modos de trafegar entre partes diferentes do Ceilão, a abolição de toda taxa desnecessária e opressiva, o cultivo de produtos favoráveis ao clima, etc. Graças a ele, as exportações da ilha teriam crescido muito e ocorrido melhorias na educação e na prosperidade da população nativa. Por ocasião de sua partida do Ceilão, Armitage proferiu o seguinte discurso:

Desde minha chegada nesta colônia, tem havido um progresso maravilhoso na prosperidade da comunidade comercial nativa. Não estão elas apenas mais opulentas que anteriormente, mas seu número aumentou dez vezes. E qual, eu perguntaria, é o segredo deste sucesso? Simplesmente isto, que em lugar de depender dos outros e de confiar nos príncipes, vocês confiaram em si mesmos, em sua própria economia, na sua integridade e indústria, e os resultados mostram que sua confiança não foi mal depositada. Eu acredito inteiramente que a prosperidade das classes industriais aqui está apenas em seu começo. Se para este começo eu tenho sido capaz de contribuir um pouco, mesmo que timidamente, será uma agradável fonte de lembrança durante toda a minha vida futura. ¹⁴

Após sua chegada em Manchester, onde se estabeleceu ao lado da família e amigos, os problemas de saúde não obtiveram melhora o que levou ao seu falecimento em 17 de abril de 1856, aos 48 anos, em casa. Foi enterrado no mausoléu pertencente à família na velha capela de Dukinfield.

Essas poucas informações já nos permitem esboçar um perfil mais sólido do que o tido anteriormente, ou seja, simplesmente o de um comerciante inglês que residiu no Rio de Janeiro entre as décadas de 1820 e 30. John Armitage foi criado dentro de uma família unitária que prezava a educação liberal fundada na tolerância religiosa e no cultivo das artes literárias incentivando, assim, seu interesse pela poesia, história e comércio. Sua leitura dos românticos ingleses provavelmente não se restringiu a Robert Southey: a partir do poema sobre o Rio podemos vislumbrar a

15

Fazemos menção explícita a expressão cunhada por Maria Odila da Silva Dias para sintetizar a missão que os ingleses acreditavam ter, ou seja, a de levar a civilização ao resto do mundo. Tarefa esta colocada em prática por Armitage em sua permanência no Ceilão. DIAS, Maria Odila. *O fardo do homem branco*: Robert Southey, historiador do Brasil. São Paulo: Nacional, 1974.

16

No original: "He then rose, and advancing towards the Adjutant, Frias, presented him the decree, observing, with tears in his eyes, 'He is my abdication; may you be happy! I shall retire to Europe, and quit a country that I have loved dearly, and that I still love.' Here tears choked his utterance, and he retired hastily to the adjoining room, where was the Empress, along with the English and French Ambassadors".

ARMITAGE, John. *History of Brazil from the arrival of the Braganza family in 1808, to the abdication of Don Pedro the first in 1831*. Compiled from State documents and others original sources. Forming a continuation to Southey's History of that country. Vol. 2. London: Smith, Elder and Co., 1836. p.132-133.

17

HOLANDA, S. B. de. A Herança colonial – sua desagregação. In: _____ (dir.). *História geral da civilização brasileira*: Brasil monárquico. 1º. Vol. São Paulo, Difel, 1970. p.9. Outros estudos clássicos seguem essa mesma linha de análise (vide, por exemplo: PRADO JR, Caio. *Formação do Brasil contemporâneo*. São Paulo, Brasiliense, 1942), retomada posteriormente por outros historiadores: NOVAIS, Fernando Antônio. Condições de privacidade na colônia. In: _____ (dir.). *História da vida privada no Brasil*. MELLO E SOUZA, Laura de (Org.). São Paulo, Companhia das Letras, 1997; SILVA, Rogério F. da. *Colônia e nativismo*: a História como 'Biografia da Nação'. São Paulo, Hucitec, 1997 e PIMENTA, João Paulo G. *Estado e nação no fim dos impérios ibéricos no Prata (1808-1828)*. São Paulo, Hucitec/Fapesp, 2002.

18

Utilizamos, aqui, expressão cara à obra de ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*: reflexões sobre a origem. Lisboa: Edições 70, 2005.

19

KANTOR, Íris. *Esquecidos e Renascidos*: historiografia acadêmica luso americana (1724-1759). São Paulo: Hucitec, 2004; e ARAUJO, Valdeir Lopes de. *A experiência do tempo*: conceitos e narrativas na formação nacional brasileira (1813-1845). São Paulo: Hucitec, 2008.

20

PIMENTA, João Paulo G.. *Brasil y las independencias de Hispanoamérica*. Castelló de la Plana: Publicacions de la Universitat Jaume I, D. I., 2007. p.134.

influência de Wordsworth, Coleridge e Byron em relação à descrição romântica da natureza e paisagem brasileiras. Imbuído fortemente da consciência de sua missão civilizacional, desenvolvida através do comércio, Armitage atuou no Ceilão no sentido de propagar os ideais do comércio livre e de uma sociedade cultivada. Vemos em seus escritos que a necessidade de extinguir a escravidão, esse mal que dificultava o desenvolvimento não apenas do comércio, mas da própria sociedade, tendo como conseqüência o mascaramento dos verdadeiros valores liberais, era tida como urgente. Parte considerável dos problemas e soluções intelectuais propostas pelos românticos ingleses, principalmente no que diz respeito à tarefa civilizacional britânica ainda fazia parte do horizonte de Armitage, que sentia "o fardo do homem branco".¹⁵

2. A História do Brasil: perspectivas de análise

"Levantou-se então [D. Pedro I], e dirigindo-se para o Ajudante Frias, apresentou-lhe o decreto, dizendo-lhe com lágrimas nos olhos: 'Aqui está a minha abdicação; desejo que sejam felizes! Retiro-me para a Europa, e deixo um país que tanto amei, e ainda amo.' As lágrimas sufocaram-lhe então a voz, e retirou-se apressadamente para a sala imediata, onde estava a Imperatriz, acompanhada dos Embaixadores francês e inglês". João Armitage. *História do Brasil*, p. 225.¹⁶

Estudos recentes têm se pautado na assertiva de que a construção de uma identidade nacional brasileira não se deu de modo linear e inequívoco, ou, segundo a clássica formulação de Sérgio Buarque de Holanda, de que "no Brasil, as duas aspirações – a da independência e da unidade – não nascem juntas e, por longo tempo ainda, não caminham de mãos dadas".¹⁷ A hipótese de que a consolidação de um Estado nacional esteve diretamente ligada à construção da nação – processo multifacetado e dotado de grande complexidade regional – tem subsidiado, em alguma medida, a afirmativa de que a historiografia associada à atuação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) foi fundadora tanto de um campo historiográfico nacional como de uma identidade equivalente. O Instituto, assim, correntemente é tratado como o grande palco da construção, formalização e estabilização da nação brasileira imaginada, o que gerou um descaso em relação à produção historiográfica escrita dentro e fora do Brasil antes de 1838.¹⁸ Trabalhos recentes têm mostrado que antes desta data existia uma historiografia, tanto nacional quanto estrangeira, que se debruçou sobre os problemas da formação de uma identidade nacional e de um território brasileiro.¹⁹ É notório que a escrita do passado, principalmente pós-independência, assumiu um lugar de destaque no cenário intelectual brasileiro. Contudo, não devemos pensar que a necessidade de escrita da história nacional só se deu após a independência do Brasil. Como propõe João Paulo Pimenta: "la creación de una idea de *historia do Brasil*, con rasgos específicos com relación a una *historia de Portugal*, fue uno de los motores del desarrollo y viabilización del proyecto de la independencia".²⁰

O desenvolvimento deste trabalho poderá contribuir para uma melhor apreciação de como, antes da criação do IHGB, já existia uma gama de questões e interpretações sobre a constituição da identidade nacional, via narrativa sobre o passado, que, em alguma medida, foram continuadas

21

BARBOSA, Januário da Cunha. Relatório do Secretário Perpétuo. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 1839. p.282.

22

ARMITAGE, João. *História do Brasil*: desde o período da chegada da família de Bragança, em 1808, até a abdicação de D. Pedro I, em 1831, compilada à vista dos documentos públicos e outras fontes originais formando uma continuação da História do Brasil de Southey. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1981. p.112-113. No original: "[...] he had no longer the same motives, either for the exertion of his talents, or the concealment of his failings. Temptations were necessarily multiplied around him; men of integrity were as much as possible excluded from his presence; and the plain and simple language of truth and soberness, was superseded by the vilest adulation. [...] and erected a palace for her residence in the immediate vicinity of San Christovao. At the same time, his treatment of the unfortunate Empress was most unfeeling." In: ARMITAGE, John. *Op. cit.*, Vol. 1, p.200-201.

23

Ibidem, p.141. No original: "[...]that the unfortunate Empress, who was at this period far advanced in her pregnancy, was forthwith conveyed from the scene of their interview to a sick-bed, whence she never rose again, excepting to perform a short and painful pilgrimage to the Gloria Church, where vows were in vain offered up for her recovery." *Op. cit.*, p.264-265.

- e reconfiguradas - com a implementação do Instituto. Certamente, os escritos sobre o passado do Brasil produzido por estrangeiros forneceram grande impulso à existência do IHGB. Entre o final de 1830 e o começo de 1840 foi corrente o tratamento da história como o depósito de feitos "ilustres" e "grandes homens" que deveriam ser lembrados e tirados do esquecimento: desejava-se erigir a história gloriosa de uma nação. Januário da Cunha Barbosa, por exemplo, primeiro secretário e fundador do Instituto, em uma de suas contribuições à *Revista*, reclama das inexactidões nos escritos sobre o Brasil, afirmando que eles "se têm propagado no mundo por escritores menos zelosos de nossa glória".²¹ O grande problema da escrita da história do Brasil por estrangeiros não dizia respeito apenas à incapacidade de conseguirem mostrar o Brasil em sua peculiaridade - já que seus autores não eram brasileiros - mas à própria falta de zelo pela dignidade que a história dessa nova nação em construção mereceria.

Uma característica marcante da *História do Brasil*, de Armitage, foi o relato da Independência brasileira como um processo em que os "conselheiros Imperiais" e a vida privada exerceram grande influência nas decisões de Dom Pedro I e, conseqüentemente, nos rumos da nova nação. Para letrados zelosos, talvez essa história não representasse de forma direta o desejo e a imagem do Brasil que tinham e que almejavam deixar para a posteridade. A narração de fatos da vida privada feita de forma sentimental possivelmente foi tida como característica negativa dessa história, na medida em que a inserção desses elementos poderia indicar um descaso com a dignidade nacional.

Armitage relata que, após conseguir a dissolução da Assembléia Constituinte, D. Pedro "[...] não tinha estímulos para exercitar os seus talentos, nem para encobrir as suas imperfeições: as induções se reproduziam por todos os lados; afastavam-se da sua presença os homens probos, e a linguagem simples e imparcial da verdade era ofuscada pela mais vil adulação". Nesse contexto reconheceu publicamente Domitila como sua concubina conferindo-lhe imediatamente o título de Marquesa de Santos, edificando "um palácio para sua residência, na vizinhança de S. Christovão. Ao mesmo tempo o seu tratamento para com a infeliz Imperatriz era o mais insensível".²² A vida privada de Dom Pedro e seu relacionamento conjugal são traçados de forma preliminar para, mais adiante, servirem como ponto central no desfecho das decisões políticas do Imperador. Por ocasião do desempenho insatisfatório da tropa brasileira na guerra em Montevideú, Dom Pedro resolveu encontrá-los na esperança de poder conferir novo vigor e estímulo aos seus soldados. Durante esta viagem, a Imperatriz ficou gravemente doente por causa de uma pancada desferida por seu esposo: "[...] a desgraçada Imperatriz, que se achava nessa ocasião muito adiantada na sua gravidez, foi conduzida logo do lugar da entrevista para o leito de dor, e só se ergueu para uma curta peregrinação à Igreja da Glória, onde se fazia debalde preces para a sua melhora".²³ Não bastassem os sofrimentos vividos pela Imperatriz advindos de um casamento sem amor e de uma gravidez abortada prematuramente por um ato inconseqüente de seu marido, Armitage continua o relato de sua morte admitindo que era:

[...] penoso, mesmo para um estrangeiro, o conhecer que seus últimos momentos foram amargurados por um insulto, que poderia mui bem ter-lhe sido poupado. Nas agonias da febre que precedera a morte, a Marquesa de Santos teve o cruel arrojo de apresentar-se para ser admitida à câmara da enferma. Esta exigência

24

ARMITAGE, João. *História do Brasil*: desde o período da chegada da família de Bragança, em 1808, até a abdicação de D. Pedro I, em 1831, compilada à vista dos documentos públicos e outras fontes originais formando uma continuação da História do Brasil de Southey. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1981. p.141. No original: "It is painful even to the stranger to know, that her last moments were embittered by an insult, which might well have been spared. During the agonies of the fever prior to her decease, the Marchioness de Santos had the heartless effrontery to present herself for admittance to the sick-room. The demand naturally created some confusion in the antechamber, of which Her Majesty inquired the cause. She had hitherto borne the ill-treatment of Don Pedro with the most exemplary submission, but this last insult instantaneously called up in her bosom the proud spirit of the House of Austria, and she refused, in decisive and explicit terms, to receive the projected visit. Incensed beyond measure at the refusal, the Marchioness attempted to force her way into the chamber of the Royal Invalid, and would have succeeded, had it not been for the personal interposition of the Marquis de Paranogoa, the Minister of Marine, who planted himself on the threshold, and told her, "Tenha paciência Senhora Marqueza Vossamerce não pode entrar." – "Have patience, my Lady Marchioness, you cannot enter." Her Ladyship, in consequence, retired with many threats of vengeance on the entire Cabinet, some of which were shortly after carried into execution. Before the death of the Empress had taken place, the letters of the Marchioness, complaining bitterly of the treatment which she had met with in the Palace, were already far advanced on their way to Don Pedro". *Op. Cit.*, p. 265-266.

25

Tratamos por "sentimental" um conjunto de práticas que despertam no leitor simpatia em relação ao personagem histórico relatado. Sobre o surgimento desse tipo de literatura e algumas de suas conseqüências, vide: PHILLIPS, Mark Salber. *History, the Novel, and the Sentimental Reader*. In:_____. *Society and Sentiment: genres of historical writing in Britain, 1740-1820*. Princeton: Princeton University Press, 2000.

26

Sobre a preponderância da memória sobre a história na primeira metade do oitocentos brasileiro vide o célebre trabalho de GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. *Debaixo da Imediata Proteção de Sua Majestade Imperial*. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889). Rio de Janeiro; Brasília: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1997.

27

PHILLIPS, Mark Salber. *Op.Cit.*, POCOCK, John. David Hume and the philosophical history of England. In:_____. *Barbarism and Religion: narratives of civil government*. Vol 2. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p.163-257.

28

PHILLIPS, Mark Salber. *Op.Cit.*, p.71-72.

29

Ibidem. p.158-159.

produziu naturalmente alguma confusão na antecâmara, sobre a qual Sua Majestade se quis informar. Até então havia ela suportado o mau tratamento de D. Pedro com a mais exemplar submissão, mas esse último insulto fez reviver no peito da Imperatriz a nobre dignidade da Casa de Áustria, e recusou em termos decisivos e explícitos receber a intentada visita. Enraivecida por esta denegação, a Marquesa tentou dirigir-se à câmara da augusta doente, e tê-lo-ia conseguido a não ser a interposição pessoal do Marquês de Paranaguá, Ministro da Marinha, que se postou à porta e lhe disse: "Tenha paciência, Senhora Marquesa, Vossa Excelência não pode entrar". Retirou-se, portanto, a Marquesa ameaçando vingarse de todo o Ministério, o que com efeito executou em parte pouco tempo depois. Ainda antes de falecer a Imperatriz, já a Marquesa havia escrito a D. Pedro queixando-se do mau tratamento que encontrara no paço.²⁴

Voltando à Corte, não para as exéquias fúnebres de sua esposa, mas indignado com as injúrias sofridas pela Marquesa, o Imperador trata de forma vulgar seus Ministros, que imediatamente pedem demissão de seus cargos. Essas descrições pessoais são estruturantes no livro de Armitage, visam legitimar o movimento que levou à abdicação e à Regência. D. Pedro I foi descrito como um monarca bélico e passional, despreparado para realizar o modelo da sociedade comercial proposta pelos ingleses.

A presença desses trechos "sentimentais" pressupunha um público leitor capaz de identificá-los e valorizá-los na narrativa.²⁵ O surgimento de um leitor e de uma literatura sentimental na modernidade não foi um fenômeno restrito às literaturas. Apesar da prosa, em geral, e do romance, em particular, serem espaços privilegiados para o desenvolvimento da sentimentalidade, essas experimentações cognitivas também aconteceram no plano da historiografia na medida em que houve a incorporação do vocabulário sentimental como possibilidade de interpretação da história. Para além da constatação da escassa delimitação do campo historiográfico na primeira metade do oitocentos brasileiro, que continua provocando diversos debates sobre a sobreposição da memória frente à história, propomos que existia também um desejo por leituras sentimentais emergido na sociedade Ocidental desde o final do século XVIII.²⁶ Essas experimentações são mais do que puro reflexo da falta de delimitação do campo historiográfico, constituem parte de uma nova necessidade que afetará profundamente a escrita da história. Tal fenômeno ainda não foi estudado de forma suficiente em relação ao Brasil, contudo, esse processo de subjetivação do indivíduo juntamente com os novos desafios lançados à historiografia já obtiveram ampla investigação para o contexto britânico setecentista.²⁷

A expansão do horizonte dos estudos históricos para além da esfera militar e política, e, principalmente, o interesse inglês em explorar a sociedade, o dia-a-dia do mundo do trabalho, os costumes e os sentimentos consolida-se como uma das mudanças historiográficas centrais estabelecida na modernidade.²⁸ Em sua *História da Inglaterra*, David Hume não acreditava que um bom estilo e imparcialidade seriam suficientes para garantir uma narrativa que contasse a história nacional, incorporando sincronicamente outros componentes ao relato do passado, como a simpatia, a filosofia da história, a atualidade, a vivacidade e a ironia.²⁹ Tal alargamento do horizonte historiográfico contribuiu de forma decisiva para a escrita da *História do Brasil* de Armitage, na medida em que apresentou como possibilidade bem sucedida a escrita da história nacional pela via da incorporação de novas temáticas à narrativa. Contudo, seria insuficiente pensar esse novo horizonte britânico sem ter consciência da importância

30

Para uma análise detida da proposta historiográfica de David Hume em relação à incorporação de práticas sentimentais ao relato histórico, vide: VARELLA, Flávia Florentino. David Hume e Jane Austen: o sentimento e a construção da moderna historiografia inglesa. *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*. Abril/ Maio/ Junho de 2006, Vol. 3, Ano III, nº 2. Disponível em: www.revistafenix.pro.br.

31

Ann Jessie Van Sant argumenta que a partir da re-contextualização do *pathos* pela moderna fisiologia do sistema nervoso, sua significação tradicional relacionada à **visão** foi combinada, completada e alterada pelo significado de **tocar**. A novidade seria o convite para o procedimento experimental – como a sensibilidade psicológica – e a centralidade do corpo, adquirida pela incorporação de aspectos fisiológicos para descrever a resposta psicológica. Dessa forma, a linguagem da sensibilidade diz respeito ao entendimento literal do processo da sensação, assim como de experiências psicológicas relacionadas ou correspondentes. Cf. VAN SANT, Ann Jessie. Preface. *Eighteenth-century sensibility and the novel: the senses in social context*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

32

Sobre o surgimento desses fenômenos no contexto brasileiro, vide: MOREL, Marco. *As transformações dos espaços públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidades na cidade imperial (1820 – 1840)*. São Paulo: Hucitec, 2005.

33

KOSSELLECK, Reinhart. 'Espaço de experiência' e 'horizonte de expectativa': duas categorias históricas. In:_____. *Passado Futuro: contribuição à semântica dos tempos modernos*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2006. p.314.

das releituras da obra do historiador latino Tácito; Hume re-significou práticas a muito inauguradas pela história taciteana.³⁰ A historiografia taciteana inovou produzindo um relato conciliador entre a tradição política historiográfica e a demonstração do caráter moral do personagem – função primeira da biografia. Acompanham a composição histórica o tema da adulação – com todas as dificuldades de governabilidade que acarreta – e a análise do Imperador pelo caráter dos conselheiros mais próximos. Uma re-apropriação deste conjunto narrativo se deu na *História da Inglaterra* em inúmeros aspectos, principalmente no que diz respeito ao novo arranjo descritivo do personagem realizado pelo historiador que deixou de utilizar-se das formulações retóricas clássicas relativas ao *pathos* para a apresentação da sensibilidade moderna. É notório que em Roma não existia a concepção de indivíduo – dotado de complexidade interior – que desembocou na descrição dos grandes homens tendo em vista os parâmetros morais de vício e virtude que os definiam enquanto passíveis ou não de imitação. O surgimento da concepção moderna de indivíduo alterou marcadamente a maneira pela qual as paixões humanas eram apresentadas pela historiografia, na medida em que o psicológico assume lugar de relevância no entendimento das ações humanas. No decorrer do setecentos britânico, houve uma reconfiguração da retórica antiga em relação ao *pathos* fazendo com que o olhar sobre o sofrimento, como estratégia para criar piedade e estabelecer a similaridade entre a observação patética e a observação investigativa do sofrer, ganhasse novo impulso pela fisiologia do sistema nervoso e pela psicologia, permanecendo, assim, como movimento auxiliar na produção de sensibilidade nos leitores.³¹

Não podemos esquecer que essas transformações na escrita da história estavam associadas ao processo geral de crise e transformação das sociedades Ocidentais, potencializado pelo desenvolvimento da imprensa e de novos leitores, o alargamento da esfera pública e a politização do discurso histórico.³² A incorporação do debate produzido em relação à modernidade, principalmente no que se refere às contribuições de Reinhart Koselleck, tem feito a história da historiografia contribuir de forma decisiva para uma compreensão menos anacrônica de nosso passado e das transformações ocorridas no oitocentos brasileiro. A modernidade, para Koselleck, apresenta-se como um novo modo de equacionar o tempo histórico, produzindo formas diversas de experimentar e comunicar o mundo. Dentro de um variado conjunto de mudanças, o distanciamento entre "espaço de experiência" e "horizonte de expectativa" caracteriza-se como fator de maior importância para o entendimento dos problemas que buscamos investigar. As experiências passadas, imaginadas, vividas ou mesmo transmitidas, compõem o "espaço de experiência"; por outro lado, a projeção do futuro baseada nessas experiências é o que constitui o "horizonte de expectativa". A modernidade caracteriza-se como o lugar no qual "a diferença entre experiência e expectativa aumenta progressivamente, ou melhor, só se pode conceber a modernidade como um tempo novo a partir do momento em que as expectativas passam a distanciar-se cada vez mais das experiências feitas até então".³³

Essa diferença entre "espaço de experiência" e "horizonte de expectativa" produziu um efeito de central importância: a impossibilidade de aprender com o passado. A história deixa de figurar como um conjunto estável e contínuo de acontecimentos que podem ser repetidos e imitados

anacronicamente, para ser concebida como espaço de singularidade, cujo exemplo máximo dessa nova posição foram as narrativas historiográficas nacionais. A singularidade – da nação ou do indivíduo – movimenta esse novo campo discursivo que surge na modernidade. A interioridade passa a compor de forma constituinte e expressiva o indivíduo, e essa não é passível de imitação. O objetivo fundamental da narrativa passa da imitação da ação para a experiência – seja física ou psicológica – do relato que será processado internamente de forma única.

Dois contextos historiográficos parecem se mostrar de grande importância para compreender a estrutura formal da *História do Brasil* de John Armitage. Por um lado, tem-se o surgimento de uma teoria e de práticas sentimentais advindas da expansão do horizonte explicativo da ação humana, relativo à psicologia, que acarretou na ampliação do objeto histórico. Por outro lado, parece ter havido uma re-apropriação da linguagem e dos dilemas taciteanos que propiciou um novo caminho de análise histórica em que a incorporação de outras questões não estritamente políticas era possível. Esse novo horizonte de escrita da história utilizado para explicar o processo de Independência brasileiro, ao que tudo indica, não obteve a mesma recepção que a historiografia "sentimental" conseguiu na Inglaterra.